

## O AUTOR E A CRIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO – ASPECTOS HEIDEGGERIANOS DO APARECER DA VERDADE NA OBRA DE ARTE LITERÁRIA

Nadia Virgínia Barbosa CARNEIRO

O Espaço desvendado – A Verdade como alétheia

### A EXPERIÊNCIA

Do ponto de vista da criação do texto literário, o momento da criação, é o momento mesmo da instalação do autor no aberto, é a entrega, sem reservas, ao que só se manifesta no seio do aberto, a saber, a essência da verdade como desvelamento, alétheia. O destino do ser, no sentido de sua verdade, como desvelamento, alétheia, no seu jogo de revelação e ocultamento, ao contrário do destino do mundo, não se torna, de logo, manifesto na criação literária. Ele se anuncia, ainda de forma dissimulada, na relação do autor com sua obra. É a partir da experiência do fazer poético que a proximidade do ser é percebida como verdade.

Quando um sopro arrasta o autor para fora de si, e, ao mesmo tempo, o empurra para dentro de si mesmo, e o põe num lugar onde as coisas são o que são, iluminadas, como se acabassem de nascer. E é como se ele mesmo, o autor, renascesse, num mixto de reencontro e novidade. Autor e palavra se encontram, numa experiência inédita, para criar algo que só existe como ameaça, como possibilidade – a obra. As palavras nar-ram e nomeiam essa experiência e, ao mesmo tempo, a experiência só passa a existir por meio das palavras. “Ao nomear, ao criar com palavras, criamos aquilo que nomeamos e que anteriormente não existia senão como ameaça, vazio e caos. Quando o poeta afirma que ignora ‘o que vai escrever’, quer dizer que ainda não sabe o que seu poema vai dizer e que, até que seja nomeado, é apenas apresentado sob a forma de silêncio ininteligível”.<sup>1</sup>

A experiência do fazer poético, deve ser compreendida, nos cabe ressaltar, sob o ponto de vista do método fenomenológico, para o qual, inexistente a dicotomia sujeito-objeto; desse modo, o objeto só existe

para um sujeito que o pensa, ou seja, toda consciência é intencional, é consciência de algo, e para algo. Assim sendo, o que há na relação autor-palavra-obra, é uma experiência que se anuncia como tal no momento em que é expressa pelo autor por meio de palavras; do mesmo modo, as palavras perderiam o sentido se não fossem movidas pelo impacto desse momento-encontro criador. "Diante do futuro poema o poeta está nu e pobre de palavras. Antes da criação, o poeta como tal não existe. Nem depois. É poeta graças ao poema. O poeta é uma criação do poema tanto quanto este daquele".<sup>2</sup>

## A ABERTURA

O abandono do autor é a condição imposta no momento da experiência da criação do texto literário. A experiência o obriga a libertar-se de suas limitações, a desprender-se de si mesmo, despojar-se, lançar-se para além de si mesmo. É aí que se inicia a abertura, a entrada, para um lugar aberto, uma iluminação, onde o abandono do autor ganha sentido e se torna a liberdade do deixar — ser o que é no aberto. A definição da verdade como desvelamento, alétheia, significa esse entregar-se o que se manifesta no seio do aberto. "A essência da verdade se desvelou como liberdade. Esta é o deixar-se ek-sistente que desvela o ente".<sup>3</sup>

## O ABERTO

"No meio do existente em conjunto mora um lugar aberto. É uma iluminação. Pensado a partir do existente, é mais existente que o existente. Esse meio aberto em consequência, não está rodeado pelo existente, senão que o meio iluminador mesmo rodeia — como nada que conhecemos — todo o existente".<sup>4</sup>

O aberto, quando se fala de criação literária, é o lugar vazio, o espaço aberto onde o autor penetra, ou é levado a penetrar, no momento da criação. O aberto é o espaço onde tudo procede, como origem. O aberto é uma iluminação, por meio da qual o autor, em silêncio, participa, experimenta, e diz, isto é, tenta dizer, ou faz com que se digna incessantemente. Entregar-se ao que se manifesta no seio do aberto é a confirmação da verdade como liberdade, e é também, a afirmação do autor, e ao mesmo tempo, o abandono de si mesmo. O aberto, é, portanto, aquele meio iluminado em cujo interior se acha o autor no momento da criação do texto literário; lá, onde tudo é silêncio essencial, é experiência profunda, é palavra que revela a essência da verdade.

"O existente como existente só pode ser se entra e vai mais além do iluminado desse claro. Só esta iluminação nos presenteia e garante

a nós os homens um passo ao existente que não somos o acesso ao existente que nós somos".<sup>5</sup> Desse modo, a luta do existente como existente, no aberto, é a luta mesma do autor, que se lança no lugar vazio, no espaço aberto, entregando-se ao murmúrio do que não cessa de falar; ao que se revela, permanecendo sempre mais oculto, ao que é antigo, e por isso, à ele se precisa retornar como origem essencial, mas que no entanto se instaura como o irrepentível — o novo.

## A VERDADE

A experiência do fazer poético, da criação do texto literário deve ser compreendida como revelação, não só, do existente que nós somos, e do destino do mundo, mas sobretudo, como um dos modos do aparecer da verdade, sem que, no entanto, percamos de vista dois aspectos fundamentais que, não só a caracterizam como tal, mas, definitivamente, a diferencia de outras experiências, aproximando-a da experiência do ser: O primeiro aspecto, se refere à linguagem, através da qual, se confirma o acesso, a consumação do que se manifesta no seio do aberto, e, sobretudo, se garante a conservação da experiência do deixar-ser. Nisto consiste a essência da verdade como liberdade. A linguagem abre um espaço para dizer a verdade desse deixar. Por isso, em relação ao fazer Poético, a criação do texto literário, sempre fará sentido a afirmação heideggeriana de que "a linguagem é a casa do ser",<sup>6</sup> na medida em que, a linguagem literária, se pensarmos bem, não apenas fala, é, pelo fato de que, aquilo que diz, jamais começa, ou termina, mas é ininterrupto, interminável, e, ao mesmo tempo, sempre novo. Do mesmo modo, a verdade como liberdade do deixar-ser o que é no aberto, introduz-nos no ainda não dito, no mistério da revelação e do ocultamento da verdade como alétheia; sempre mais profunda e obscura à medida que entramos mais para o seu íntimo iluminado, como a visão de um relâmpago. A linguagem assume assim a tarefa de sempre falar novamente da verdade do ser, como algo que não começa ou termina, mas, se anuncia como presença que permanece incessantemente por dizer.

Um outro aspecto a ser observado, aproxima ainda mais o fazer poético da experiência do ser, de sua verdade. Consiste numa propriedade que é comum às duas experiências, e que, em última análise, as converte numa só: é o fato de, tanto a experiência do autor, no momento da criação do texto literário, quanto a experiência do existente como existente no aberto, serem experiências carregadas de autenticidade, sendo ambas, experiências essenciais, originárias, no sentido de que se faz um retorno às origens, à essência, como fundamento do ser do homem e da essência das coisas, havendo um mergulho profundo e radical para esse encontro.

A linguagem poética é a casa do ser, como o afirma Heidegger, porquanto, penetra em profundidade no que é mais íntimo, mais oculto, mais original, estabelecendo um jogo de revelação e ocultamento constante, onde o ser, ao aparecer, se deixa ainda mais oculto. A linguagem poética obriga o autor a um mergulho vertical no aberto para dizer do ser, da sua verdade. O autor participa do mistério do ser permanentemente por dizer.

“Existe, se pensarmos mais radicalmente, a história do ser, à qual o pensar, como memória desta história pertence, acontecendo através da posterior recordação da história, no sentido do que teve lugar no passado. A história não acontece primeiro como um evento. E este não é um simples passar. O evento da história se desdobra em ser como o destino da verdade do ser, a partir dele (...). O ser enquanto destino que destina verdade permanece oculto. Mas o destino do mundo se anuncia na poesia, sem que ainda se torne manifesto como a história do ser”.<sup>7</sup>

## A INSPIRAÇÃO

A obra de arte literária se instaura que se desvele a verdade de uma experiência essencial. O autor se instala no aberto para que, através da linguagem poética fale da verdade do ser. A inspiração poética surge como o elemento deflagrador dessa instalação do autor no aberto. A inspiração nos remete à pergunta: — Como são escritos os textos literários? E ainda que muito se tenha discutido a esse respeito, e que se interrogue sobre a existência da inspiração, ou que a chamem de muitos nomes, tais como, espírito, acaso, inconsciente, etc., há uma concordância de que ocorre uma estranha colaboração, uma manifestação ou “erupção de uma vontade alheia”<sup>8</sup> no momento da criação. Essa colaboração garante a penetração do autor no aberto e a sua permanência na abertura.

A característica marcante da inspiração, é a provocação, no autor, de um escrever sem fim. Ele está “inspirado”, e a sua fala se torna inesgotável, ininterrupta. Uma linguagem irrompe do silêncio essencial, lá onde tudo é infinito, é aberto, é inspiração permanente.

“Aquele que escreve, ela diz: ‘dou-te a chave de todas as palavras. Promessa maravilhosa, promessa que cada um se apressa a interpretar como se tivesse dito: Terás todas as palavras. Mas foi-lhe prometido ainda mais: não só a totalidade de fala mas a fala como origem, o puro, jorro da origem, onde falar precede, não tal fala, mas a possibilidade da fala, onde falar se precede sempre a si mesmo’”.<sup>9</sup>

A inspiração é o acesso à abertura que leva ao ser. O autor é por ela lançado a esse lugar de origem, como um recordar-se, como um voltar a ser, à partir da essência mais profunda, como um voltar ao ser.

## O AUTOR

O enigmático momento da criação do texto literário foge ao controle do autor, o silêncio, transportando-o para o que se pode chamar de "a outra margem"<sup>10</sup> como nos fala Octávio Paz, citando D. T. Suzuki. Essa passagem para uma outra realidade, que, estranhamente, lhe parece familiar, como algum lugar, à visitado, assombra, e ao mesmo tempo, fascina o autor, com a nostalgia de uma vida anterior, como algo que já foi experimentado. "(...) Parece que nos recordamos e quereríamos voltar para lá, para esse lugar onde as coisas são sempre banhadas por uma luz anti-quíssima e ao mesmo tempo acabada de nascer (...)".<sup>11</sup>

O autor, no momento da criação do texto literário, se instala no aberto, tornando-se porta-voz de uma verdade tão reveladora que, ao se pôr, revive, automaticamente, o que é mais profundo e essencial, e que, infelizmente, como confessou Heidegger, está sendo esquecido pelo homem — o sentido do ser.

"O poema — e nele o poeta — é essa intimidade aberta ao mundo, exposta sem reservas ao ser, é o mundo, as coisas e o ser incessantemente transformados em interior, é a intimidade dessa transformação, movimento aparentemente tranqüilo e suave, mas que é o maior perigo, pois a fala toca então na intimidade mais profunda, não exige apenas o abandono de toda a segurança exterior mas ela própria se arrisca e introduz-nos nesse ponto em que nada pode ser dito do ser, nada pode ser feito, em que tudo recomeça incessantemente e até morrer é uma tarefa sem fim".<sup>12</sup>

A linguagem poética, como já foi mencionado, linguagem essencial, dirá sempre o mesmo, isto é, dirá sempre da verdade do ser. A obra de arte literária, ou antes, o seu pôr-se em obra pelo autor, por meio da linguagem, como que, resgata, dos subterrâneos do silêncio essencial, a verdade do ser. A obra de arte literária, desse modo, se confirma como um dos modos do aparecer da verdade, onde o autor, com uma aproximação radical, por meio da linguagem poética, anuncia o ser. Por isso, a linguagem é a casa do ser. Para Heidegger, os pensadores e os poetas são os guardas desta casa. "A guarda que exercem é consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam".<sup>13</sup>

## A SOLIDÃO

"O 'Ele' que toma o lugar do 'eu', eis a solidão que sobrevém ao escritor por intermédio da obra".<sup>14</sup>

Ao penetrar no aberto, ao se entregar à liberdade do deixar-ser no aberto, o autor enfrenta uma progressiva anulação do seu “eu” pessoal. O autor não se dá conta, de início, que a obra exige que ele “perca toda a natureza”, como afirma Maurice Blanchot: “A obra exige do escritor que ele perca toda ‘natureza’, todo caráter, e que, ao deixar de relacionar-se com os outros e consigo mesmo pela decisão que o faz ‘eu’, converta-se no lugar vazio onde se anuncia a afirmação impessoal”.<sup>15</sup> A experiência da criação do texto literário se revela como mistério, que assusta, e ao mesmo tempo, fascina o autor. À presença do estranho, do que não é “eu”, do que é alheio, o autor se surpreende, e só mais tarde, se reencontra consigo mesmo e com este outro profundamente exposto, aberto, revelado — o ser. Octávio Paz nos fala da “outridade”,<sup>16</sup> para definir esse outro que não é o autor, que é o ser, e que é também um não ser. O autor experimenta a solidão no fazer poético, porque, ao penetrar no aberto, caminha para um encontro, que é antes, desligamento do mundo e de si mesmo, que é entrega e perda. O autor, ao por-se em obra, ao iniciar sua escrita, desperta para uma nova realidade, a de que, ao iniciar sua fala, já não fala, porque não é mais ele quem fala, não é sua voz, não é ninguém. É algo anterior a ele, como origem infinita, da qual participa como destino. O autor então, descobre o interminável, maior que ele e seu projeto literário, maior que seu desejo de dizer, mais forte que a inspiração que o pôs no aberto, que o tirou de si mesmo, como um desprender-se do que é seguro, ordenado, regular. A experiência do fazer poético, se dá num espaço onde tudo é essencialmente liberdade e conservação, onde o silêncio é que fala incessantemente, o autor, é aquele que ouve essa fala e lhe empresta sua atenção.

## A OBRA

Uma vez instalada a obra de arte literária, o autor é dispensado de seu papel. Se sua fala já fora suspensa pela “outridade”, sua presença é então anulada, posto que a obra conquista sua autonomia. A obra salta do individual constituído pelo trabalho do autor, para o universal, impessoal absoluto. O destino da obra é a sua auto-suficiência, é a superação da presença daquele que a escreveu, que a criou.” (...) a obra nasce para que exista puramente em si mesma. (...), o artista, segue sendo, frente a obra, como algo indiferente, quase como um trânsito que no criar se anula a si mesmo para que surja a obra.”<sup>17</sup>

O destino da obra é o ser-obra instaurada. A obra, a partir de então, se revela por si mesma e si sustenta. A sua independência apaga os traços do trabalho do autor. Dele, só resta a lembrança da procedência da obra, isto é, o fato de “ser criada”. A auto-suficiência da obra, é um destino que se insinua desde a sua origem como possibilidade, lá no come-

ço de tudo, quando o autor pôs mãos-a-obra. O destino da obra é instalar um mundo. "Ao levantar-se, a obra inaugura um mundo e o mantém em permanência vigente".<sup>18</sup> A experiência do aberto se revela na obra de arte literária. A obra sustenta essa experiência essencial, celebra-a e a conserva. Nessa conservação a obra se revela como o pôr-se-em-obra da verdade. O aberto, como o espaço onde a verdade se revela como a liberdade de deixar-se, aparece na obra, porque, "a obra tem aberto o aberto do mundo."<sup>19</sup> A obra de arte literária, portanto, não se desliga da sua origem: A palavra, que é o instrumento do fazer poético, celebra a obra de arte literária como um dos modos do aparecer da verdade, ao dizer.

"Sem dúvida usa o poeta a palavra porém não como tem que gostar as palavras os que falam e escrevem à maneira ordinária, senão, de sorte que, propriamente, então a palavra passa a ser e permanece realmente palavra."<sup>20</sup>

## A FALTA

A obra de arte literária, não importando qual seja seu conteúdo, fala, afirma, diz, e acima de tudo, revela a nossa condição humana. "A poesia não é uma opinião nem uma interpretação da existência humana. Aquele que fornece o ritmo imagem expressa simplesmente o que somos; é uma revelação de nossa condição original, qualquer que seja o sentido imediato e concreto das palavras do poema".<sup>21</sup> E qual é a nossa condição original? É precisamente o fato de o homem ter nascido, ter sido jogado, lançado no mundo. Heidegger chama de "o rude sentimento de estar-aí". E, além disso, o homem convive com uma contradição: ao nascer, o mundo nos parece estranho e hostil. Dar um sentido para o mundo e para nossa existência depende de nós mesmos, da nossa possibilidade de ser; porque o homem é possibilidade, é lançar-se no mundo. Porém, tão logo o homem se lança na vida para ser, percebe que caminha para o não ser — a morte. Tomamos, então, consciência da nossa finitude. Originalmente, somos carência de ser, e nisto consiste nossa falta original. Mas a morte, convém ressaltar, não é uma falta da vida humana, como esclarece Octávio Paz, mas ao contrário, a morte completa. A morte é o desconhecido para o qual o homem se lança. "A Morte é o vazio, o espaço aberto, que permite o passo para adiante. O viver consiste em termos sido jogados para o morrer, mas esse morrer só se cumpre no viver e pelo viver".<sup>22</sup>

O sentimento de falta do homem não se esgota na sua condição original. O mundo, também, as vezes, amanhece irreconhecível. O cotidiano jamais preenche, satisfaz ou corresponde plenamente às nossas necessidades e expectativas. As coisas, o mundo, e nós mesmos, não deveríamos ser como somos, gostaríamos de modificar-nos e ao mundo. Se a

obra de arte literária revela a nossa condição original e também revela o mundo no qual o homem se encontra lançado, na condição de estar-aí; a obra de arte literária, necessariamente, afirma a falta.

“Na sua gênese e na sua realização, a literatura aponta sempre para o que falta, no mundo e em nós. Ela empreende dizer as coisas como são, faltantes, ou como deveriam ser, completas”.<sup>23</sup>

O autor, ao criar, re-inventa o mundo e à si mesmo, pela falta e para além dela, no fazer poético. O momento da criação literária é, ao mesmo tempo, um ir às origens mais essenciais, como retorno, e um avançar, um lançar-se para além, como possibilidade. Este é mais um dos aspectos, dentre os já mencionados por nós, que se constituem como destino da obra de arte literária, confirmando-a como um dos modos do aparecer da verdade como alétheia. O retorno às origens, bem como, o lançar-se para além, se dão à um só tempo, num mesmo momento — no ato de criar. A obra de arte literária conserva esse momento, revela-o.

“A literatura parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvenda um mundo mais real do que aquele que pretende dizer. A literatura nasce de uma dupla falta: uma falta sentida no mundo, que se pretende suprir pela linguagem, ela própria sentida em seguida como falta. (...) Os inúmeros saberes carreados pela literatura são meros pretextos para um saber maior; o saber da falta, e a permanente manutenção do desejo de supri-la. O mundo deixa a desejar, as palavras estão sempre em falta; a literatura diz, insiste e plenamente”.<sup>24</sup>

## O NOVO

O mistério de revelação e ocultamento da verdade como desvelamento, alétheia, se deixa dizer, sempre novamente, e incessantemente, pela obra de arte. A linguagem literária, como linguagem essencial, se transforma no instrumento desse dizer. A linguagem literária diz então sempre o mesmo. Esse “mesmo”, no entanto, é interminável, estando sempre por dizer. A obra se instaura como presença desse dizer. Cada obra, porém, revela o mistério, de forma inaugural, irrepetível. Cada obra tem o caráter de ser única. ‘Cada poema é um objeto único, criado por uma ‘técnica’ que morre no instante mesmo da criação”.<sup>25</sup>

A obra de arte literária é sempre começo, possibilidade de dizer. O autor, no fazer poético, busca dizer algo. Ao dizê-lo, já não é ele quem diz, mas faz com que possa dizer-se. O autor já não tem mais poder sobre sua obra. A ele não é dado conhecer o segredo da obra, seu destino, seu sentido essencial. A linguagem literária, por sua vez, ao pretender dizer, não apenas diz, revela, instaura.

A falta original concorre para a revelação, na medida em que sustenta o desejo, no autor, da supressão. Esse desejo o faz lançar-se no

aberto. As palavras, que fazem parte do cotidiano humano são re-inventada pelo autor na experiência do fazer poético, para dizer da verdade revelada na experiência mesma do fazer poético. A obra de arte literária, então, através dessa necessidade de dizer, mas dizer diferente, usar as palavras, mas de forma inédita em expressão e significado, instaura o novo.

“A instalação da verdade na obra é o produzir um ser tal que antes não era ainda nem jamais voltará a ser (...).”<sup>26</sup>

Por fim, como afirma Maurice Blanchot in “O espaço literário”, a obra é sempre em todos os sentidos e em todos os momentos, original; sempre começo: “E ela é nova ‘agora’, renova esse ‘agora’ que parece iniciar, tornar mais atual, e é, enfim, muito antiga, assustadoramente antiga, o que se perde na noite do tempo, sendo a origem que sempre nos precede e é sempre dada antes de nós (...).”<sup>27</sup>

## CONCLUSÃO

Desvendar o espaço aberto, o lugar iluminado, onde o autor penetra no momento da criação do texto literário, confirmado como um lugar de experiência essencial, de retorno às origens, é desvendar a “verdade” como “alétheia”. O destino do ser, por meio da linguagem, se anuncia na obra de arte literária. O autor nem se dá conta que, é do destino do ser que se inspira no fazer literário, destino que se encontra inserido no destino do mundo. O autor e sua obra nos mostram assim, o caminho de volta para o ser o seu sentido essencial. Mas, é preciso aprender a ver nas entrelinhas do que ele escreve, na ambigüidade dos termos, dos sons, dos ritmos, do silêncio; porque não nos é dado explicitamente. Como nos aconselha Heidegger, nós temos que aprender a escutar o que dizem estes poetas porque eles não nos enganam. A linguagem poética não nos engana, e, se esforça em aprimorar as formas do dizer, buscando elevá-lo até a fonte da qual se origina, tão fiel quanto é possível, em essência, ao destino que, por meio desse dizer se faz anunciar. Uma linguagem que, para tanto, frequentemente, rompe com as regras de sintaxe, desafia a lógica e, às vezes até, sabe mais que o autor, esta linguagem não nos engana, ao contrário, nos revela uma verdade. Longe estamos, porém, de compreendê-la em toda a sua profundidade. “... a verdade é desocultamento do existente como existente. A verdade é a verdade do ser”.<sup>28</sup>

A luta do existente como existente no aberto é a luta mesma do autor ao lançar-se no lugar vazio, no espaço aberto para nele criar. Dessa forma, desvendar o mistério do fazer literário, o enigma da criação literária, é desvendar o mistério de revelação e ocultamento da verdade no aberto. A obra de arte literária é um dos modos do aparecer da verdade. A obra de arte literária celebra e conserva a essência da verdade como alétheia.

## NOTAS

- (1) Octávio PAZ. **O arco e a lira**. p. 204
- (2) *Ibid.*, p. 205.
- (3) Martin, Heidegger. **Sobre a essência da verdade**. p. 140.
- (4) "En medio de lo existente en conjunto mora un sitio abierto. Es una iluminación. Pensado desde lo existente, es más existente que lo existente. Ese medio abierto, en consecuencia, no está rodeado por lo existente, sino que el medio iluminador mismo rodea — cual la nada, que apenas conocemos — todo lo existente".
- IDEM, IM: **Sendas perdidas**. (Holzwege). p. 44.
- (5) *Ibid.*, p. 44.
- (6) IDEM, **Sobre o "Humanismo"**. p. 149.
- (7) *Ibid.*, p. 160.
- (8) Octávio PAZ, op. cit., p. 194.
- (9) Maurice BLANCHOT. **O espaço literário**. p. 181.
- (10) Octávio PAZ. Apud. "(...) A outra margem alcançada... Aderir ao mundo objetivo é aderir ao ciclo do viver e do morrer, que são como as ondas que se levantam no mar; a isso se chama: esta margem... Ao nos desprendermos como água correndo incessantemente; a isso se chama: a outra margem".
- (11) Octávio PAZ, op. cit., p. 161.
- (12) Maurice BLANCHOT. op. cit., p. 157.
- (13) Martin HEIDEGGER. **Sobre o "Humanismo"**. Carta a Jean Beaufret. p. 149.
- (14) Maurice Blanchot. op. cit., p. 18.
- (15) *Ibid.* p. 50.
- (16) Octávio PAZ, op. cit. p. 156.
- (17) Martin HEIDEGGER, **Sendas Perdidas**. p. 33.
- (18) *Ibid.* p. 36.
- (19) *Ibid.* p. 37.
- (20) *Ibid.* p. 39.
- (21) Octávio PAZ, op. cit. p. 180.
- (22) *Ibid.* p. 182.
- (23) Leyla PERRONE. Moisés. **A criação literária**. In: **II Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. Ensaios/Seminários. 2. Criação, interpretação e leitura do Texto literário**. V. II p. 11.
- (24) *Ibid.* p. 9-16.
- (25) Octávio PAZ, p. 20.
- (26) Martin HEIDEGGER. **Sendas Perdidas**. p. 51.
- (27) Maurice BLANCHOT, op. cit., p. 229-230.
- (28) Martin Heidegger. **Sendas Perdidas**. p. 67.

## BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. **La Poétique de la rêverie** PUF, 1974.
- \_\_\_\_\_. **L'espace onirique** in: **Le dront de rêver.**, p. 195-200. 3. ed., Paris, PUF, 1973.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. Abril Cultural, São Paulo, 1978.
- BARBOSA, Elyana. **Indivíduo e autor** in: **Revista Brasileira de Filosofia**. Vol. XXXIV (133): 74-79. 1984.
- \_\_\_\_\_. **O secreto do mundo: Uma leitura de Gaston Bachelard**. São Paulo, 1985 (Tese/USP).

- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rocco, Rio de Janeiro, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Sendas Perdidas* (Holzwege). Tradução de José Rovira Armengol. 2. ed. Editorial Losada, Buenos Aires, 1960.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a essência da verdade. A tese de Kant sobre o ser**. Tradução de Ernildo Stein. Revisão de José Geraldo Nogueira Moutinho. Livraria Duas Cidades, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o "Humanismo"**. Tradução de Ernildo Stein. Os pensadores. Abril Cultural, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Essais et conférences*. Traduit de l'allemand par André Préau et préfacé par can Beaufret. Éditions Gillimard, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Da experiência do Pensar*. Tradução de Maria do Carmo Tavares de Miranda. Ed. Duas Cidades, 1969.
- LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Círculo do Livro S. A. Rio de Janeiro, 1986.
- NUNES, Benedito. **Passagem para o poético (Filosofia e poesia em Heidegger)**. Ensaios 122. Editora Ática, 1986.
- PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Tradução de Olga Savary. 2. ed. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1982.
- PESSOA, Fernando. *Idéias Estéticas da Arte da literatura in: **Obra em Prosa em Um Volume***. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.
- PICON, Gaetan. **O escritor e sua sombra. Introdução a uma estética literária**. Tradução de Antônio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1969.
- POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Organização e apresentação da edição brasileira de Augusto de Campos. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. Editora Cultrix, São Paulo, 1986.
- PROENÇA FILHO, Domício. (organizado por). *II Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. Ensaios/Seminários 2. Criação, interpretação e Leitura do Texto literário. Vol. II*. Norte editora Ltda. São Paulo, 1986.